



METROPOLE

SSA-BA



O Dois de Julho que os livros não contam

Consolidação da Independência do Brasil, Dois de Julho vive apagamento histórico sustentado por um modelo de educação padronizado e voltado mais ao mercado do que à memória regional. Págs. 2 a 4



Coluna Metropolitana expõe excesso de honorários e títulos concedidos por parlamentares na ALBA. Pág. 6



Paulo Nogueira Batista Jr. analisa os custos de uma política de juros altos adotada pelo Banco Central. Pág. 8 e 9



Acidentes perigosos no metrô acendem alerta sobre riscos e distração nas plataformas e trilhos. Pág. 11



Livros didáticos padronizados e modelo de ensino preocupado apenas com aprovação em vestibular silenciam o Dois de Julho e perpetuam uma visão elitista da Independência do Brasil

Texto **Laisa Gama e Luanda Costa**
redacao@metro1.com.br

EM BUSCA DO RECONHECIMENTO NACIONAL

O FALSO PROTAGONISMO DO IPIRANGA

Falar da Independência do Brasil é, para a maior parte dos brasileiros - e até baianos -, recuperar na memória a imagem (inventada pelo artista Pedro Américo, diga-se de passagem) de Dom Pedro em cima de um cavalo às margens do riacho do Ipiranga, gritando “independência ou morte”. É essa a visão “oficial” que se tem sobre o processo de ruptura do Brasil com Portugal, afinal é assim que os livros didáticos de história ensinaram e continuam ensinando as gerações de brasileiros que se formam. Uma visão simplista e elitista que vem, cada vez mais, se sobrepondo e roubando a possibilidade de consciência sobre nossa história, sobretudo diante do domínio de um modelo de educação com livros padronizados e ensino voltado apenas para aprovação em vestibular.

Na véspera do Dois de Julho deste ano, o presidente Lula anunciou um projeto de Lei que foi enviado para o Congresso Nacional para transformar a data em uma celebração nacional: o Dia da Consolidação da Independência do Brasil. O próprio presidente reforçou que o Dois de Julho merece um espaço destacado nos livros didáticos para que as novas gerações compreendam a luta e a resistência do povo baiano na expulsão definitiva dos portugueses em 1823.

“Tem muita importância para a Bahia porque é valorizar a história do povo baiano e muita importância para o país, porque você vai colocar isso nos livros de história do Brasil. Vai colocar no livro didático que você distribui nas escolas, para as crianças e para o ensino médio”, argumentou o presidente.

O teste é muito simples: basta abrir um dos livros de história de escolas particulares de Salvador e comparar a quantidade de páginas dedicadas ao Sete de Setembro e ao Dois de Julho, buscar por personagens, ilustrações dessas duas datas e até lembrar as comemorações e trabalhos feitos nas escolas baianas em setembro e em julho. A desvantagem é grande para a batalha baiana. Até a nomenclatura dada pelos livros diminuiu a sua importância: “Independência da Bahia”, é assim que eles trazem, quando na verdade se tratava da consolidação da Independência do Brasil, o que aconteceu em território baiano.

ESCOLAS SEM LEGADO

A desvalorização desse legado ainda persiste nas escolas. Em grande parte delas, pouco se fala sobre a importância das cidades de Cachoeira, Itaparica e Santo Amaro na libertação brasileira. Apesar de hoje ter um curso tranquilo, o Rio Paraguaçu já foi afluentes de muito sangue, diferente do riacho do Ipiranga. Foi por ele que chegaram baianos fugidos da repressão em Salvador, sob o comando de Madeira de Melo — responsável pela morte de Joana Angélica, primeira mártir da Independência.



ricardo stuckert/pb

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Duda Matos, Fabiana Lôbo, Jairo Costa Jr., Laisa Gama e Luanda Costa**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



wulga rubin/govba



Pouco de nós e muito deles

Também foi do Rio Paraguaçu que navios portugueses bombardearam, em junho de 1822, as cidades de Cachoeira e São Félix, após uma consulta popular local que proclamou o Príncipe Dom Pedro como Regente do Brasil. Foram três dias de luta e resistência e, ao final, a primeira vitória brasileira na luta pela Independência. O rio e esses eventos,

no entanto, nos livros de história e até de geografia ganham, no máximo, notas de rodapé. Talvez os estudantes baianos saibam muito mais sobre o Rio Amazonas e o Tietê do que o Paraguaçu, talvez tenham lido muito mais sobre a Inconfidência Mineira e a Revolução Farroupilha do que a Guerra de Canudos e a Revolta dos Malês.



reprodução

O que os livros não contam

Poucos sabem também que a cidade de Cachoeira chegou a ser capital não oficial da Bahia, após Salvador ser tomada por portugueses durante as batalhas. O suor dessa resistência que saiu da pele do povo (e não de um príncipe) agora está dedicado à tentativa de valorização desse momento. Para o historiador Rafael Dantas, compreender os movimentos que culminaram neste evento é fundamental para entender a história local, os redesenhos do Brasil no contexto dos anos de 1800 e a construção de um Brasil-nação. “Durante muito tempo, houve um sequestro da independência pelo eixo sudeste, Rio-São Paulo, esquecendo-se do que aconteceu no Nordeste, na Bahia, em Pernambuco e no Pará. Se os baianos não tivessem logrado vitória naquele período, com certeza o Brasil seria diferente hoje”, alega.

O APAGAMENTO É POLÍTICO E EMPRESARIAL

A invisibilização do Dois de Julho não é um acidente de percurso, mas parte de um projeto maior de centralização de narrativa, que favorece a elite branca e marginaliza figuras essenciais para a Independência do Brasil. Essa omissão reflete-se diretamente nos grandes grupos empresariais de ensino, que, com currículos tradicionais e massificados, ignoram eventos regionais e pouco abordam a contribuição de negros, indígenas, mulheres e personagens populares. Personalidades como Maria Quitéria e Maria Felipa, fundamentais para a luta pela liberdade, continuam invisibilizadas, apesar de seu papel decisivo nas batalhas pela independência.

Com tanta informação descoberta ao longo dos anos, a explicação para a manutenção de uma visão marginalizadora nas escolas está em um modelo de negócios. Os grandes grupos educacionais agora não vendem apenas os livros (substituídos por módulos), mas sim um ‘modelo de Ensino’, uma espécie de pacote fechado para todas escolas do Brasil, com a promessa de aprovações em vestibulares. Os módulos são os mesmos, independentemente da região do aluno, e os professores são adestrados para seguir uma cartilha comprometida apenas com provas. Como o Dois de Julho não cai no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e em outros vestibulares, ele passa quase invisível pelo currículo, sobretudo, da educação básica.

Adestrando para massificar

O termo adestramento é utilizado pelo atual presidente do Sindicato dos Professores no Estado da Bahia (Sinpro), Allyson Mustafa, que, em entrevista ao Metro1, já apontou os professores como vítimas deste sistema, sem ao menos poder de participação na escolha do material didático.

Sérgio Guerra Filho é ex-presidente do Sindicato dos Professores da Bahia (Sinpro-BA) e defende que a própria Base Nacional Curricular Comum acabou cristalizando um currículo focado no eixo sudoeste, obscurecendo as histórias locais. Ele observa que, sem as festas e o reconhecimento das figuras populares, como os caboclos e caboclas, pesquisas sobre o Dois de Julho não teriam avançado. “Essas pessoas não sentaram nas cadeiras do poder, mas elas produziram eventos revolucionários”, pontua. “O Sete de Setembro não dá conta da complexidade que foi o processo de independência do Brasil. Nos livros fica parecendo que a independência foi um ato pacífico, como se a nossa história fosse feita só de acordos e de acertos pacíficos”, complementa.



thuane maria/govba

O povo fez a guerra – e faz a festa

Se os livros não ensinam, as ruas mostram. O Dois de Julho, mais do que um simples feriado estadual, se tornou uma das manifestações populares mais importantes da Bahia. Todo ano, as ruas se enchem de cor e vida com o desfile dos caboclos, figura tradicional que representa os heróis anônimos da luta pela independência. A festa é marcada pela presença vibrante da cultura e a celebração de um povo que não se deixa esquecer. Ao mesmo tempo que simboliza a vitória sobre o domínio colonial, a festa reconta, nas ruas, o mesmo ato de resistência que, há mais de 200 anos, garantiu a liberdade do Brasil. Mesmo sem a devida valorização, até mesmo na própria Bahia, ainda há uma parte da população baiana que segue resistindo, afirmando, na prática, que enquanto o resto do Brasil vê a data como um dia qualquer, aqui ele representa o fim de uma guerra, a vitória de um povo e a afirmação de uma identidade que não se deixa apagar.

Ensinar Bahia é resistir

Apesar de tantos desafios, há avanços na luta por uma educação que valorize a história do estado. Recentemente, a luta pela Independência da Bahia e seus heróis passaram a ser oficialmente ensinados nas escolas estaduais, com a criação da disciplina “História da Bahia” na rede pública. A medida, homologada pelo Conselho Estadual de Educação em julho de 2024, representa uma conquista importante para corrigir a omissão histórica.

E essa mudança não é isolada. Projetos como o do historiador Matheus Buente, que deu início a uma série de aulas públicas mensais no Armazém do Campo, no

Pelourinho, também têm sido essenciais para fortalecer essa resistência. A primeira aula, intitulada “A verdadeira independência da Bahia”, foi um exemplo do esforço para recontar a história da luta baiana pela liberdade.

“Nós ainda utilizamos muitos livros didáticos que são produzidos na região sudoeste e a narrativa que impera no sudoeste é a narrativa do heroísmo de Dom Pedro e do 7 de setembro, que inclusive favorece a região sudoeste. Assim, o projeto surge porque eu e outros professores identificamos essa lacuna no ensino. É uma tentativa de fazer circular o conhecimento”, afirma Buente.



tomaz silva/agencia brasil

Cívico, mas político também

Vaias, claque, provocações e palanques orquestrados por grupos rivais que duelam pelo poder na Bahia marcam novamente o Dois de Julho, apesar da temperatura menor típica de ano não eleitoral

Texto **Jairo Costa Jr.**

jairo.costa@radiometropole.com.br

Um dos clichês mais ouvidos das autoridades a cada Dois de Julho é que a Festa da Independência é um ato cívico e não cabe falar em eleições e campanha. Contudo, até os casarões em ruínas no trajeto que vai do Largo da Lapinha ao Terreiro de Jesus sabem que o evento, há décadas, se divide entre as manifestações populares e o mais puro exercício da política, com as costumeiras vaias e aplausos para integrantes de proa dos dois polos que duelam pelo poder na Bahia.

Este ano não foi diferente dos anteriores. Que o digam o governador do estado, Jerônimo Rodrigues (PT), e o prefeito da capital, Bruno Reis (União Brasil), que ao chegarem na Lapinha para a cerimônia de hasteamento das bandeiras do Brasil, da Bahia e de Salvador foram vaiados e aplaudidos na mesma medida pelas claque de ambos os lados, fossem elas pagas ou não, orquestradas ou espontâneas. O petista, óbvio, encarou a hostilidade de apoiadores da oposição e do pessoal arregimentado para fazer exatamente isso. Já seu adversário enfrentou a forte pressão dos professores da rede municipal em greve.

Já o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que já conhece bem o script da festa, passou quase incólume em sua quarta ida consecutiva ao Dois de



valter pontes/secom/pms

Julho. Embora seja um político com alta popularidade junto ao eleitorado de Salvador, Lula usou a mesma tática dos anos anteriores para escapar de eventuais manifestações contrárias. Ou seja, desfilou no fundo de uma picape no trajeto entre a Soledade e o Pelourinho ao lado da primeira-dama, Janja da Silva, das ministras da Cultura, Margareth Menezes, e da Igualdade Racial, Anielle Franco, de Jerônimo e do vice-governador, Geraldo Jr. (MDB).

PROVOCAÇÃO PRESIDENCIAL

Para apimentar a passagem pela festa e dar aquela pirraçada de praxe no grupo rival, Lula segurou um cartaz

entregue por líderes sindicais ligados aos professores, no qual cobrava diretamente Bruno Reis: “Prefeito, pague o piso”. Na sequência, o presidente levantou outro cartaz, elaborado pelo PT como parte da campanha “Taxação BBB: Bilionários, Bancos e Bets”, trio sintetizado no material como os “Super Ricos”. Os aliados vibraram com a dupla provocação; os rivais ficaram de cara feia.

Mesmo sem ter pisado os pés no cortejo político, o deputado estadual Tiago Correia (PSDB), líder da oposição na Assembleia Legislativa da Bahia, sentou o sarrafo em Lula, usando o batido clichê que inicia este texto: “O presidente vem a um momento cívico e o transforma em palanque político, fazendo ataques sem embasamento”. Correia falou como se o principal líder do seu grupo, o ex-prefeito ACM Neto (União Brasil), não tivesse adotado padrão idêntico no cortejo oposicionista, ao girar a metralhadora verbal contra Jerônimo, em um cardápio de críticas ácidas, especialmente, aos índices de violência no estado.

Apesar da presença de lideranças expressivas, o Dois de Julho de 2025 teve um número menor de políticos presentes que o de 2024. O que se explica por não se tratar de ano eleitoral. Mas, sem sombra de dúvida, o caldo ficará bem mais grosso em 2026, quando a disputa pela Presidência e pelo governo do estado vai elevar a fervura no caldeirão da próxima Festa da Independência.



ricardo stuckert/pb



METROPOLÍTICA



Por Jairo Costa Júnior

Notícias exclusivas de maior repercussão da semana publicadas pela coluna política do Grupo Metropole



Aponte a câmera do celular para o QR Code ao lado e confira a coluna Metropolitica

Pressão de patriarca

Aliados próximos a Otto Alencar garantem que o senador e presidente estadual do PSD já concretizou as negociações para assegurar ao herdeiro político, o deputado federal Otto Filho, a vaga do Tribunal de Contas do Estado (TCE) que será aberta em 27 de julho com a aposentadoria compulsória do conselheiro Antônio Honorato de Castro Neto. A indicação, de acordo com as mesmas fontes, foi acertada recentemente entre o senador e o governador Jerônimo Rodrigues (PT). “De início, Otto Filho resistia em abdicar do mandato na Câmara. Como fará 48 anos no próximo dia 7, achava que era ainda muito novo para encerrar a carreira política e passar quase três décadas no TCE, mas foi convencido pelo pai, que passou pelo Tribunal de Contas dos Municípios (TCM) até renunciar ao cargo em 2010 para se candidatar a vice na chapa do então governador Jaques Wagner”, afirmou um parlamentar que integra a tropa de choque do cacique do PSD baiano.

É tri e é da Bahia

O Tribunal de Contas da União (TCU) condenou o ex-prefeito de Itamaraju Marcelo Angenica (PSDB) a ressarcir os cofres públicos em R\$ 678 mil por gastos irregulares de verbas destinadas pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional para auxiliar vítimas dos fortes temporais que atingiram o Extremo-Sul da Bahia em 2021. Conhecido no município como Doutor Marcelo, Angenica foi punido por omissão no dever de prestar contas de recursos repassados à prefeitura para ações de socorro e assistência a moradores afetados pelas chuvas. Trata-se da terceira punição do tipo imposta pela corte a políticos baianos desde o início de junho. Em 3 de junho, o TCU condenou o prefeito de Itabuna, Augusto Castro (PSD), a devolver ao erário R\$ 353 mil por uso irregular de verbas federais voltadas a minimizar os danos provocados pela última grande enchente do Rio Cachoeira, também em 2021. Três dias depois, o tribunal determinou que o ex-prefeito de Ilhéus Mário Alexandre, o Marão (PSD), restituísse os cofres do Ministério da Integração em pouco mais de R\$ 310 mil pelos mesmos motivos.

Em três anos, Alba concedeu 128 honrarias, quase uma por semana

Em aproximadamente três anos, a Assembleia Legislativa da Bahia (Alba) concedeu nada menos que 128 honrarias, sendo 52 títulos de Cidadão Baiano e 75 Comendas 2 de Julho, a principal condecoração da Casa, aponta levantamento feito pelo setor de pesquisas da Casa a pedido da **Metropolitica** e relativo ao período de abril de 2022 a maio de 2025. Em média, os deputados entregaram quase uma por semana, boa parte delas por meio de sessões especiais que mobilizam recursos humanos, materiais e financeiros do Legislativo estadual. No topo do ranking de deputados campeões de honrarias entregues,

estão José de Arimateia (Republicanos) e Fabrício Falcão (PCdoB), com sete cada. Na segunda colocação, com seis, está Adolfo Menezes (PSD), que presidiu a Alba de 2021 a fevereiro deste ano. Três parlamentares dividem o terceiro lugar, com cinco títulos e comendas concedidas: Eduardo Salles (PP), Olívia Santana (PCdoB) e Fátima Nunes (PT), atual primeira vice-vice presidente da Assembleia.

O levantamento aponta ainda episódios de honrarias concedidas apenas em causa própria dos parlamentares. É o caso de Soane Galvão. A única condecoração proposta e entregue por ela foi uma Comenda 2 de Julho para a sogra, a ex-deputada estadual Ângela Souza, mãe do ex-prefeito de Ilhéus, o Marão (PSD). Já o deputado Euclides Fernandes ganhou o título de Cidadão Baiano - ele nasceu em Riacho de Santana (RN) - proposto por Roberto Carlos, autor também de uma Comenda 2 de Julho para o colega Raimundinho da JR. Já Maria del Carmen recebeu a mesma honraria por meio da proposta de Fátima Nunes. Na imensa maioria dos casos, as condecorações são dirigidas a pessoas sem qualquer serviço relevante prestado ao estado ou desconhecidas por grande parte do eleitorado. Sandro Régis, por exemplo, entregou este ano duas delas ao governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil). Integrantes da tropa bolsonarista na Alba, os deputados Leandro de Jesus e Samuel Júnior concederam a Comenda 2 de Julho à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e a senadora Damares Alves (Republicanos-DF).



sandra travassos/metropress

Tratativas implodidas

Caciques do PSDB iniciaram uma ofensiva para tentar evitar o naufrágio da união do partido com o Podemos e escalaram o deputado federal baiano Adolfo Viana para mediar um eventual acordo com o outro lado da mesa de negociações. A estratégia de unificar duas legendas era vista por líderes tucanos como a melhor chance de dar sobrevida à sigla que governou o país por oito anos, foi uma das principais forças no Congresso e dominou a polarização com o PT durante três décadas, mas começou a enfrentar um forte processo de definhamento desde 2018, a reboque da ascensão do bolsonarismo. Apesar do desejo do PSDB de incorporar o Podemos a tempo de disputar as eleições de 2026, conflitos em relação ao comando da legenda implodiram as tratativas.

Sangue nos olhos

Ocupantes dos altos escalões do Palácio do Planalto e do PT defendem que o governo Lula saia das cordas com a faca nos dentes após a derrota maiúscula sofrida na votação que derrubou o decreto de alta do IOF. De acordo com fontes com trânsito livre na Esplanada dos Ministérios, parte da turma acha que a tropa de choque do presidente deve imputar ao Congresso Nacional, especialmente ao Centrão, a pecha de porta-voz da elite, sob o tese de que a derrubada da medida privilegia somente os ricos, ao impedir a cobrança de alíquotas maiores para quem tem mais dinheiro para investir. Outra ala argumenta que o combate tem que ser travado nas ruas pela militância, sem digitais de Lula no processo. Por fim, existe um núcleo do governo que teme os efeitos do confronto, independente da tática, em ambiente já bastante inflamado no que se refere às relações da Presidência da República com a Câmara e o Senado.



Planos de Saúde Empresariais

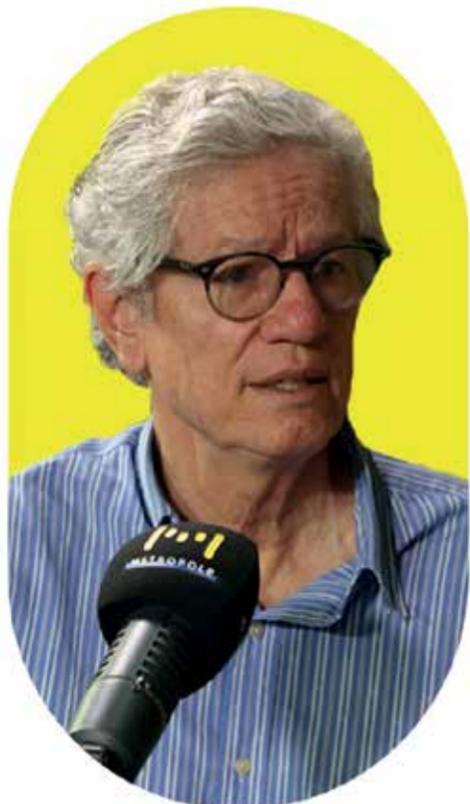
Priorizar a saúde dos seus colaboradores é investir no sucesso e no futuro da sua empresa.

Com os Planos de Saúde Empresariais Promédica, você conta com mais de 50 anos de experiência, com 4 hospitais próprios, 8 centros médicos, rede de laboratórios Datalab e rede credenciada.

Tudo isso com a administração aqui na Bahia, ao seu lado.

Para mais informações, ligue:
(71) 3271-9115.

Promédica 
Muito Mais Saúde



Brasil, campeão mundial da usura e da desigualdade – o papel (ou papelão) do Banco Central

Paulo Nogueira Batista Jr.

Economista e ex-diretor executivo pelo Brasil no FMI

mica especialmente complexa – a política de juros do Banco Central. O artigo vai ser um pouco mais técnico. Não desista, porém, leitor ou leitora. Se tiver dificuldades com alguma parágrafo ou termo técnico, pule a passagem e continue, ou faça na rede consultas conceituais rápidas.

Desde o ano passado, na gestão Roberto Campos Neto, e em 2025, na gestão Gabriel Galípolo, o BC aumentou expressivamente a taxa básica de juro, a Selic. Os juros reais ex ante (a taxa nominal descontada a inflação esperada) subiram para níveis recordes, colocando o Brasil, mais uma vez, como campeão ou vice-campeão mundial da usura. Na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), o comando do BC indicou que os juros continuarão altos por muito tempo, adaptando-se de maneira mais ou menos passiva às expectativas do mercado financeiro.

Esses movimentos do BC desencadearam intensa controvérsia no país. Muitos foram contra, outros tantos a favor. Quem tem razão? Os financistas, rentistas e economistas do mercado, que costumam

ender taxas de juro elevadas? Ou os setores industriais, os outros setores produtivos e os economistas mais heterodoxos, que rejeitam a política do BC? Como o leitor ou leitora provavelmente sabe, eu estou no segundo campo.

A questão é mais intrincada do que geralmente se imagina. As avaliações deveriam ser feitas portanto com certo cuidado, o que raramente acontece. A usual troca de slogans e adjetivos produz, como sempre, mais calor do que luz.

Mas esse cuidado não vai me impedir de ser incisivo nas conclusões do artigo.

A política de juros altos diminui mesmo a inflação? A que custo?

Algumas perguntas iniciais: juros elevados conseguem, de fato, controlar e reduzir a taxa de inflação, como costumam dizer seus defensores? E, em caso positivo, a que custo em termos de efeitos adversos sobre PIB, emprego, finanças públicas e distribuição da renda nacional? Trata-se de uma política eficaz? Ela é, também, eficiente?

Não há muita dúvida de que juros altos contribuem em geral e de forma importante para reduzir a inflação. Por meio de

três canais, pelo menos. Primeiro porque comprimem a demanda agregada de consumo e investimento na economia, o que exerce pressão baixista sobre os preços dos bens e serviços não comercializáveis internacionalmente (non-tradeables), inclusive sobre remuneração do trabalho. Segundo porque tendem a provocar valorização cambial, o que deprime os preços em reais dos produtos comercializáveis internacionalmente (tradeables), tantos exportáveis como importáveis. Terceiro, porque a alta dos juros básicos, se for vista como sustentável, normalmente diminui as expectativas de inflação e, por essa via, tende a reduzir a inflação corrente e as taxas de juro de longo prazo. Assim, a política de juros altos é, normalmente, eficaz em reduzir a inflação.

Porém, isso não significa que ela seja eficiente, pois diversos fatores limitam os seus efeitos anti-inflacionários e produzem impactos colaterais adversos. Ela é eficaz porque gera queda da inflação; mas não é eficiente porque obtém esse resultado produzindo grandes estragos e efeitos colaterais.

Vamos a alguns desses fatores. Numa

**Quem tem razão?
Os rentistas e economistas do mercado, que costumam defender taxas de juro elevadas?**

Ou os setores industriais, produtivos e os economistas mais heterodoxos, que rejeitam a política do BC?

economia continental como a brasileira, o grau de abertura comercial externa, medido pela razão fluxos de comércio exterior/PIB, é inferior àquele que se observa em países pequenos e abertos. Em países pequenos, como a Suíça, a Bélgica ou a Holanda, entre muitos outros, onde o grau de abertura é muito elevado e quase sempre bem superior a 100%, a valorização externa da moeda nacional induzida por juros altos tem impacto decisivo sobre a inflação. No caso do Brasil, quem tem um grau de abertura da ordem de 40%, o impacto anti-inflacionário de uma apreciação externa do real, ainda que não desprezível, raramente chega a ser decisivo. (Diga-se de passagem que nos Estados Unidos, outra economia continental, o grau de abertura é ainda menor do que o nosso, inferior a 20%). Ou seja, a apreciação cambial requerida para obter determinada queda da inflação é maior em países como o Brasil, o que tende a solapar a competitividade internacional da economia e gerar desequilíbrio no balanço de pagamentos em conta corrente.

Um segundo aspecto da questão: há sempre alguma rigidez dos preços e salários à baixa. Em economias como a brasileira, que tem longa tradição de indexação, existe também alguma inércia da inflação, isto é, a tendência a trazer a inflação passada para o presente. Assim, o efeito anti-inflacionário de uma determinada contração da demanda agregada é menor do que seria se os preços e salários fossem mais flexíveis e menor o componente inercial da inflação.

Em suma, por esses e outros motivos, é preciso muita contração da demanda e/ou muita apreciação cambial para reduzir a inflação e colocá-la dentro da meta, es-

pecialmente quando essa meta é fixada de modo excessivamente ambicioso. É o que temos hoje – herança da incompetente gestão econômica do governo Temer, aquela que era conduzida por um suposto “dream team”, como se dizia na época em relação à Fazenda e o Banco Central. O governo Lula deveria, logo de cara, ter aumentado a meta central de inflação e o intervalo em torno dela, como queria o presidente Lula. Nada foi feito, porém. Prevaleceu na área econômica o receio de desagradar o mercado.

EFEITOS SOBRE AS FINANÇAS PÚBLICAS E A DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NACIONAL

Os juros altos produzem efeitos colaterais destrutivos. Além de desacelerar a economia, eles desestabilizam as finanças públicas de duas formas - diretamente (ao sobrecarregar o custo da dívida pública) e indiretamente (via efeitos adversos da retração do nível de atividade sobre arrecadação e gastos cíclicos como o seguro-desemprego). O setor público como um todo arca atualmente com despesas líquidas de juros da ordem de 8% do PIB! Esse componente, e não o badalado resultado fiscal primário, é que explica o déficit público e o crescimento da dívida do governo. O déficit primário está em torno de 0,6% do PIB.

E o problema não para aí. Quando o governo paga juros escorchantes, quem recebe? Quem são os credores do governo? Fundamentalmente, as instituições financeiras, os super-ricos, os ricos e, em menor medida, a classe média alta, além dos credores estrangeiros. Os juros

altos são, na verdade, um poderoso instrumento de concentração da renda em um país que já é, há muito tempo, o campeão ou um dos campeões mundiais em matéria de desigualdade social. Convém reparar, além disso, que essa política monetária coloca reais exatamente na mão daqueles que têm alta propensão à fuga de capitais em momentos de incerteza, como no final de 2024 – fuga facilitada, recorde-se, pela liberalização prematura da conta de capitais, herança lamentável da gestão Fernando Henrique Cardoso. Alimenta-se assim com juros generosos o monstro da especulação cambial desestabilizadora. O país sofre e a turma da bufunfa comemora.

Ninguém está pedindo que o novo comando do Banco Central dê uma cavalo-de-pau na política monetária. Mas, francamente, status quo?? Manter tudo como estava nas gestões anteriores da instituição??

Ninguém está pedindo que o novo comando do Banco Central dê uma cavalo-de-pau na política monetária. Mas, francamente, status quo??

rafa neddermeyer/agencia brasil



ENTREVISTA

Margareth Dalcolmo

PNEUMOLOGISTA E PESQUISADORA DA FIOCRUZ



divulgação

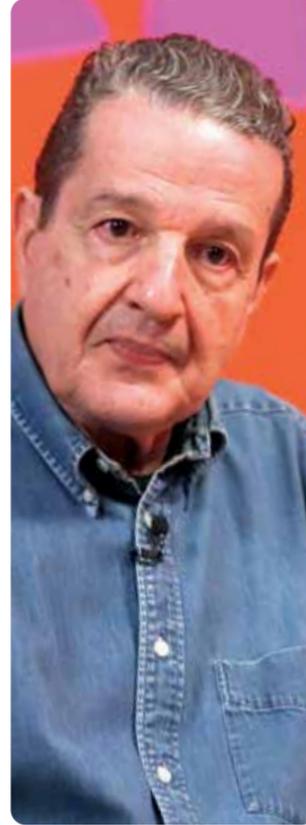
Regulamentar os vapes quer dizer liberar geral. A desculpa de que vamos saber a composição é balela e o pior é falar em auferir imposto sobre algo tão nocivo para nossas crianças

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Juca Kfourri

JORNALISTA



paolo pinto/agencia brasil

Lula tem que chegar à conclusão que esse Congresso é hostil e começou a preparar a eleição de 2026. E a única linguagem que o Congresso entende é o povo na rua

Jornal da Metropole no Ar

ENTREVISTA

Jaques Wagner

SENADOR (PT)



metropress

Aprendi que o Congresso vive de acordo. Foi feito um sobre a medida do IOF, em 6h de reunião. e 4 dias depois, começa o ruído, condenando o decreto fruto da conversa com Alcolumbre, Hugo Motta e lideranças

Jornal da Cidade

ENTREVISTA

ACM Neto

EX-PREFEITO DE SALVADOR



metropress

A derrubada da medida do IOF talvez seja a maior derrota de Lula. Ao recorrer ao STF, ele está dobrando a aposta e isso fatalmente vai acabar acirrando a relação entre Executivo e Congresso

Jornal da Cidade

Perigo: acidentes no metrô

Acidentes no metrô de Salvador levantam debate sobre riscos nas estações e atenção dos usuários

Texto **Fabiana Lobo**
fabiana.lobo@metro1.com.br

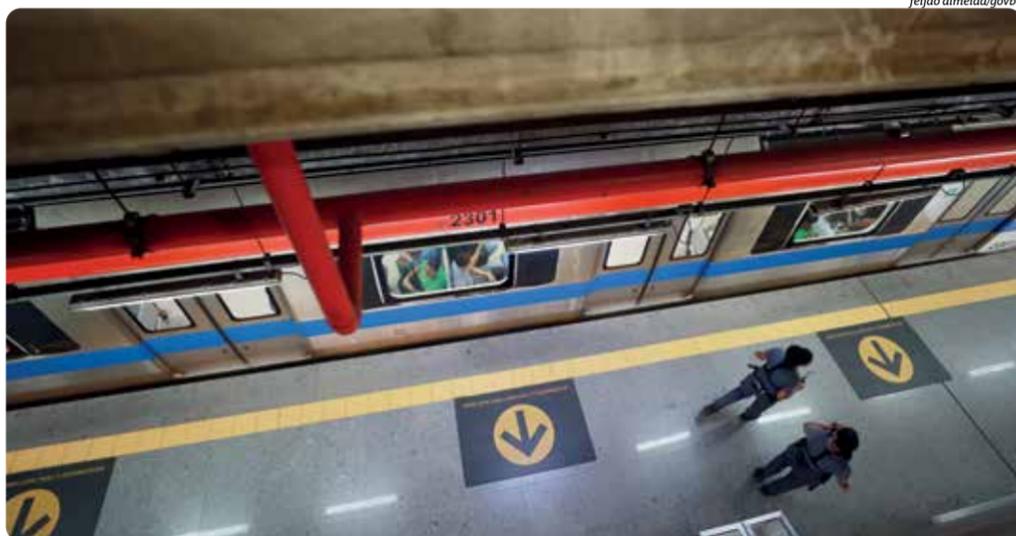
Poderia até ser cena das videocassetas, mas não são. As câmeras de segurança do metrô de Salvador e Lauro de Freitas já registraram 142 casos de acidentes em escadas fixas e rolantes, só entre janeiro e abril de este ano - 80% dos casos têm relação com o uso do celular. Mas, além desses acidentes, outros causam maior preocupação no sistema: aqueles que acontecem nos trilhos.

ALERTA ACESO

Na manhã do último domingo (29), um homem ficou gravemente ferido ao atravessar os trilhos na estação Campinas de Pirajá. A família conta que ele estava atrasado e, ignorando as orientações de segurança, tentou atravessar para chegar até o trem no sentido oposto. Ele acabou ficando preso pela cintura, entre a plataforma e o trem. Esse não é o único caso. Em média, as câmeras instaladas nas estações flagram, por mês, cerca de 10 passageiros invadindo os trilhos para buscar objetos ou pegar o trem no sentido contrário.

HISTÓRICO DE ACIDENTES

Procurada, a CCR Metrô não cedeu dados sobre acidentes desses casos. Mas uma rápida busca nos históricos da imprensa baiana já aponta alguns episódios. Em outubro de 2023, uma mulher de 35 anos foi empurrada por um homem na Estação Pituaçu e acabou indo de encontro ao trem. No ano seguinte, em abril, o



feijão almeida/govba



feijão almeida/govba

serviço foi parcialmente suspenso na Estação Mussurunga após uma passageira cair nos trilhos. Já em dezembro do mesmo ano, dois casos semelhantes ocorreram, um deles com uma morte na Estação Bonocô.

SEM BARREIRAS

Em maio deste, um acidente no metrô de São Paulo repercutiu nacionalmente e trouxe espanto a boa parte dos usuários do sistema metroviário de Salvador e Região Metropolitana. Por lá, há além das portas do trem, outra estrutura de controle de entrada e saída, isolando, inclusive,

os trilhos de quem aguarda na plataforma. Como no metrô de Salvador, não existe essa proteção, foi até complicado explicar para os soteropolitanos o acidente que aconteceu na capital paulista e deixou uma pessoa morta, mesmo com esse mecanismo de segurança.

Por aqui, após a repercussão do caso do último domingo, o governo da Bahia já descartou a instalação de barreiras de segurança, como essas portas de vidro, nas plataformas de embarque do metrô. Já a CCR Metrô Bahia informa que o sistema foi implantado conforme projetos aprovados pela gestão estadual e segue padrões internacionais de segurança.

SEM OBEDIÊNCIA

Situações de superlotação, tumultos e dificuldades de embarque, comuns em horários de pico, aumentam as chances de acidentes. Mas o que não se pode negar é a necessidade e a importância do cumprimento de medidas de segurança. Sinalizações, orientações e alertas são amplamente distribuídos pelas estações, assim como agentes de segurança que atuam orientando os cerca de 435 mil passageiros que utilizam o sistema diariamente, muitas vezes chamando atenção até daqueles que estão imersos no celular.



feijão almeida/govba





Imigrantes, Trump e jacarés

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Em que mundo, senão em um filme futurista de roteiro ruim, imagináramos um presidente dos EUA inaugurando, feliz, um centro de detenção para imigrantes ilegais, com tendas e contêineres para cinco mil pessoas, no meio de um pântano infestado de jacarés e serpentes? Nesta terça-feira, Donald Trump anunciou o empreendimento, chamando-o de Alcatraz dos Jacarés, em referência à prisão de segurança máxima fechada no início da década de 60.

A perversão ultrapassou a concepção do presídio, no sul da Flórida, numa região habitada por cerca de 200 mil jacarés, além de pitons, cobras venenosas e crocodilos, e foi transformada em humor sórdido oficial. Oral e imagético. Em tom sádico, Trump destacou a economia com segurança, já que ao invés de manter guardas e agentes vigiando os presos, os jacarés farão esse serviço, de graça. O discurso é claro. Não há caminhos para se chegar ou sair do presídio, exceto de barco. Quem tentar fugir, será transformado em dieta de jacarés.

MUSK DEPORTADO

Na página da Casa Branca nas redes, foi postada uma imagem de Trump ladoado por jacarés com bonés da ICE, a polícia de imigração dos EUA, com a legenda: MAKE AMERICA SAFE AGAIN! (sic, em caixa alta e com exclamação). E há mais detalhes que pioram os cenários. Nos contêineres, os imigrantes presos ficarão em cubículos semelhantes a gaiolas, sob temperaturas insuportáveis e numa área com alta incidência de furacões.

Cortejar a insanidade ganhou novo patamar no segundo mandato de Trump. Na mesma semana em que posa ao lado de jacarés “agentes da ICE” e ameaça imigrantes com o risco de serem devorados, o presidente falou da possibilidade de deportar seu ex-aliado Elon Musk, considerando-o como imigrante sul-africano, ignorando sua dupla cidadania. O meme distópico emerge pronto: o dono da Tesla deve frequentar o imaginário de Trump como cardápio dos répteis da ICE do sul da Flórida.

Em tom sádico, Trump destacou a economia com segurança, já que ao invés de manter guardas e agentes vigiando os presos, os jacarés farão esse serviço, de graça



daniel torok/casa branca

Energia que mata?

Em festas, bares, academias e até faculdades, consumo de bebidas energéticas vira febre entre os mais jovens e é motivo de alerta para profissionais da saúde

Texto **Duda Matos**

maria.matos@metro1.com.br

Eles prometem energia e o status de descolado em apenas alguns goles. Nos últimos anos, os energéticos vêm ganhando - e não só do ponto de vista positivo - o coração dos mais jovens. Puro ou misturado, eles vendem a ideia de ser uma espécie de “combustível” para práticas esportivas, atividades do dia a dia e uma noitada daquelas. Mas vêm entregando, na verdade, riscos, em especial à saúde cardíaca de seus consumidores.

ATRAÇÃO ENERGÉTICA

A promessa de energia vem da mistura de cafeína e taurina (substância de efeito estimulante quase imediato) com

açúcares e outros ingredientes. Mas a atração não seria a mesma se não fossem a grande variedade de sabores, as embalagens chamativas e a facilidade de acesso. As estratégias de marketing têm feito tanto sucesso que a bebida passou a ser incluída na geladeira de 38% dos lares brasileiros. Dados divulgados pela Kantar em maio ainda apontam que a tendência também se estendeu fora de casa: 22% dos brasileiros de até 29 anos se tornaram novos compradores do produto - isso aconteceu mesmo diante do aumento do preço do produto e ainda diante de uma redução do consumo alcoólico brasileiro nos últimos anos..

COMBO NOITADA

No Brasil, os energéticos são regulamentados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que determina que os rótulos tenham a quantidade de ingredientes dentro dos limites permitidos e traz uma orientação muito clara: “não é recomendado o consumo com bebida alcoólica”. Em bares e festas, é possível notar que a recomendação é frequentemente ignorada. Drinks com energéticos misturados com as mais diversas bebidas alcoólicas são inclusive exibidos e oferecidos em cardápios sem melindre algum.

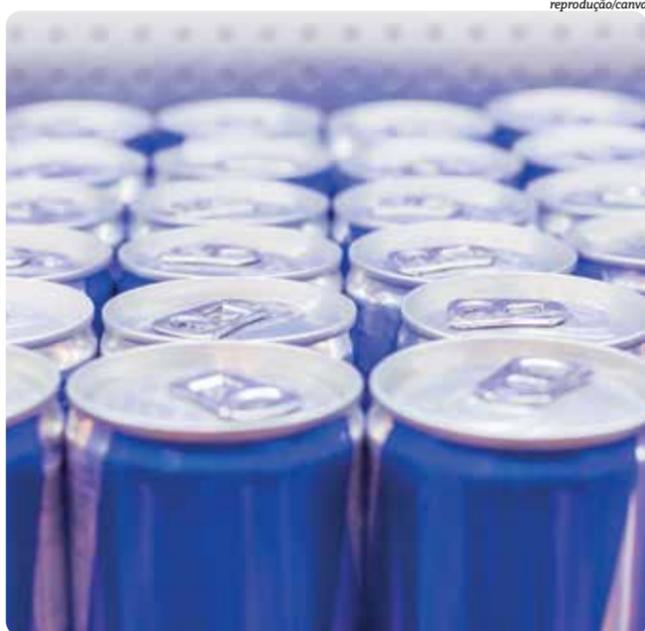
Outra recomendação da Anvisa que passa batida é a seguinte: “crianças, gestantes, nutrízes, idosos e portadores de en-

fermidades devem consultar o médico antes de consumir o produto”. Acontece que já há até energético para crianças. Uma das marcas desse mercado diz revolucionar o setor ao oferecer um produto específico para o público infantil. Sem taurina e cafeína, e com o personagem Sonic estampado na lata, o tal energético infantil promete atuar na saúde cognitiva com uma seleção de vitaminas e sais minerais.

LEVANDO CORAÇÕES

No início do ano, um caso repercutiu e serviu de alerta para os usuários. O ator Rafael Zulu contou em suas redes sociais o susto que levou após o consumo excessivo de bebidas energéticas durante uma festa em família: precisou ser encaminhado ao hospital com o risco de sofrer um ataque cardíaco. Ele teve um quadro de fibrilação atrial, que o deixou com a respiração ofegante e o coração acelerado.

Médico cardiologista, Maurício Nunes cita que esse é apenas um dos quadros que podem ser ocasionados pelo consumo em excesso da bebida, especialmente no sistema nervoso e cardiovascular. “Tudo em excesso faz mal. As bebidas energéticas podem provocar palpitações, aumento da frequência cardíaca, arritmias, aumento da pressão arterial e, em casos extremos, poderá também acontecer uma lesão no coração chamada infarto do miocárdio”, afirma o cardiologista.



reprodução/canva

Para treinar com saúde

Com as propagandas relacionando o produto a hábitos de vida saudável e personalidades do esporte, os jovens logo encontraram uma outra atribuição ao consumo de energéticos: aumentar a performance no treino e nas atividades físicas. Com a presença da cafeína, o produto passou a ser utilizado como “pré-treino”.

A advogada Ana Beatriz Santana, de 28 anos, foi uma das que aderiu a esse tipo de consumo. Ela conta que só conseguia ir à academia se bebesse um energético. Aos poucos foi aumentando seu consumo até que sofreu um mal estar: coração acelerado, suor frio, enjoo, visão escurecida e a sensação de desmaio foram alguns dos sintomas dela. “Tudo foi acontecendo de

forma bem gradual, fui aumentando aos poucos, até começar a tomar todo dia, quase como uma droga”, relatou a advogada.

Apenas com uma lata para ir para academia, Ana Beatriz já consumia de cafeína o equivalente a 90 ml de um café expresso, isso sem incluir os quase 40g de açúcar. O caso de Ana Beatriz, do ator Rafael Zulu e tantos destacam a importância de um debate que deve ir além do rótulo e alcançar escolas, lares e espaços de lazer.

Na Inglaterra e na Escócia, por exemplo, a discussão chegou a uma consulta pública sobre o fim da venda para crianças há quatro anos. O Reino Unido também avalia a possibilidade, enquanto países como Letônia e Lituânia já proibiram.



reprodução/canva





Nelson Rodrigues comemora a vitória do Flu: "Chupa, complexo de vira-latas"

James Martins

Nelson Rodrigues certamente vibrou com a vitória do seu Fluminense, nesta segunda (30), sobre o Internazionale de Milão. 2 x 0 no placar. Vibrou sim, o profeta tricolor, afinal, como ele mesmo disse muitas vezes: "A morte não exime ninguém dos seus deveres clubísticos". Ainda mais ele e, especialmente, num momento como este nosso, onde quase todas as vozes nacionais mais uma vez se levantam contra nós mesmos, num narcisismo às avessas onde o prazer é cuspir na própria imagem. A derrota do Flamengo para o Bayern parecia confirmar o que os idiotas da objetividade vivem repentindo: "os europeus são tudo de bom, os brasileiros tudo de ruim". Mas aí, veio o Fluminense, o tricolor das Laranjeiras, time de Nelson Rodrigues, aquele que não só combateu impavidamente como até mesmo batizou o nosso "complexo de vira-latas", e pimba. Nada é por acaso.

E, por isso mesmo, copio aqui palavras de Nelson sobre outro triunfo do Flu, lá dos anos 1960, mas que caem muito bem

agora: "Amigos, muita gente, domingo [segunda], teve vontade de chorar diante da maravilhosa vitória tricolor. E, aliás, não ficou só na vontade. Muita gente chorou lágrimas de esguicho. E não é para menos". Sei que o Fluminense não ganhou a Copa do Mundo de Clubes. E é provável que não ganhe. Mas, passar do jeito que passou pela Inter, poderosa vice-campeã da Champions League, para mim já valeu como prova de que a gente pode mais. Muito mais. Aliás, vamos destacar o mérito dos jogadores (John Arias, Thiago Silva, Fábio, Cano, Martinelli e companhia fizeram um partidaço!), mas é preciso falar de Renato Gaúcho, o técnico.

Enquanto se diz que os nossos treinadores estão ultrapassados, que o jeito brasileiro de jogar futebol é ineficaz e outras bobagens mais, Renato (o mais brasileiro dos treinadores contemporâneos) armou o time para vencer e venceu. Se adaptou. E ainda foi o típico boleiro nacional quando provocou o jogador adversário dando um

peteleco na bola fora. O cartão amarelo que levou vale como bônus. Com certeza, Nelson Rodrigues faria dele o personagem da semana. Pois está feito!

Sei que o Fluminense não ganhou a Copa do Mundo de Clubes. E é provável que não ganhe. Mas, passar do jeito que passou pela Inter, já valeu como prova de que a gente pode mais



marcelo gonçalves/fluminense

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

“Mulher nasceu para ser dona de casa”.
Pois bote uma casa no meu nome.

Fausto Silva

Tem gente que meu santo não bate, e tem gente que meu santo quer bater.

Lacerda

“Você pratica algum esporte de risco?”
Eu: Sim, às vezes, respondo meu chefe como se não precisasse do meu emprego.

Lindinalva

Meu tempo sozinha é para a segurança de todos.

Guto

Nunca foi sorte. Tudo o que conquistei foi à base de muita pálpebra tremendo de estresse.

Kamille

Meu animal espiritual é a cigarra, porque eu também tenho vontade de subir numa árvore e gritar até explodir

Vlad

Paguei R\$ 9 em 330 ml de água. Podem sair de casa tranquilos que o otário já foi identificado, sou eu.

Só os loucos sabem

Indo à loucura. Vocês querem alguma coisa de lá?

Ritinha

A verdade é que pelos meus amigos enfrentaria uma manada de búfalos, mas responder rápido no Whatsapp já é demais pra mim.

Marley

Sorte de quem se afastou, estou cada dia pior.

Pedro Miau

Depois desse São João, fui analisar a frase “agora você vai ver o que é bom para tosse” e só consigo me perguntar como isso se tornou uma ameaça e não um oferecimento de ajuda?

Lindinalva

Como é possível eu estar sem dinheiro em setembro se acabamos de entrar em julho?

Flávia Vizinha

Por favor, preciso de indicação de alguém que faça poda de árvore genealógica.

Chiva

Curiosidades sobre os brasileiros: Você sabia que depois de dar o primeiro “tchau”, a conversa ainda dura 40 minutos (e em pé)?

Boto Cor-de-rosa

Sou metade Batman e metade Homem Aranha:
Sem poderes e pobre.



Clique e assista um vídeo dos nossos projetos:



www.bracell.com

Acesse nossas redes sociais e saiba mais:



somosbracell



Há mais de 10 ANOS CONTRIBUINDO
PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Na Bracell, não fazemos apenas celulose. Há mais de 10 anos, contribuimos para o desenvolvimento das comunidades do nosso território de atuação, com o Bracell Social. Promovemos transformação por meio de investimentos em educação, no empoderamento de grupos produtivos e em iniciativas que fortalecem o acesso à cidadania e ao bem-estar.

Educação que inspira, Empoderamento que prospera,
Estar Bem que se multiplica. Este é o jeito Bracell de
fazer a diferença em cada detalhe.

